

Efeitos diante do convite de construir um espaço comum entre formuladores sobre gestão e planejamento em saúde no Brasil

Effects over the invitation to build a common space among health planning and management policymakers in Brazil

Emerson Elias Merhy¹

Sinto-me convocado a pensar, junto, a idéia de que podemos construir, entre nós, alguns dos formuladores brasileiros sobre o planejamento em saúde, um espaço comum no qual seja possível tratarmos das diferenças como potencializadoras e não como desigualdades que comumente têm gerado mais conflitos e disputas, inúteis, do que contribuições para se gerar práticas coletivas implicadas com a difícil tarefa de produção democrática no campo da gestão das redes de serviços de saúde no SUS.

Não tenho nenhuma dificuldade em tomar essa posição, pois há muito venho defendendo a noção de que as contribuições de diferentes pensadores devem ser incorporadas em uma “caixa de ferramentas” dos gestores, para que possam olhar para essas ofertas de pensamento como possibilidades de ampliar sua capacidade de governo, diante dos múltiplos tipos de problemas que enfrentam, ali, no seu dia a dia.

Entendo, como Deleuze¹, que as máquinas conceituais inventadas por pensadores não devem ser vistas como doutrinas que desvendam verdades exclusivas, mas como formas de tentar construir, pelo pensamento, noções que procuram resolver certos problemas entendidos por esses pensadores, que as formularam como fundamentais para a vida.

Desse modo, ir em busca de cada oferta no campo da gestão e do planejamento em saúde e procurar entender a máquina conceitual construída por um pensador específico ou por um coletivo definido é um caminho interessante para compreender que tipo de problema procura-se enfrentar e verificar, em certas circunstâncias, se aquilo faz sentido para quem está em situação de gestão. E isso, portanto, pode ser um elemento a contribuir para se construir alternativas de ação, naquele campo, diante da vida real, ali vivida como gestor.

Já vimos formulando isso há algum tempo em certos círculos, com os quais me identifico, como as formulações que vêm sendo produzidas por Luiz Cecílio com sua linha de investigação sobre organizações, educação permanente,

gestão em saúde, entre outras, e as que vêm sendo construídas pelo coletivo da linha de pesquisa micropolítica do trabalho e cuidado em saúde, ao qual pertenço, que vem agindo na pós-graduação de clínica médica da UFRJ.

Apostar nessa construção de “caixas de ferramentas”, inclusive indo em direção ao cotidiano da gestão nas redes de serviços de saúde e buscando ali formas de construção de novas possibilidades para a composição dessa caixa, tem sido muito inspirador para todo um percurso na construção de novas investigações que temos feito.

Não partilho da noção de escola adotada pelo artigo, não vejo que haja escolas de planejamento, pois essa denominada como LAPA, além de não existir, nunca teve unidade de pensamento e formulação entre os seus membros, pois essa não era sua proposta. Alguns de seus membros conhecidos, como Campos, Merhy e Cecílio, nem se reconhecem como pertencentes a uma escola desse tipo, ou mesmo chegam a ter diferenças tão significativas entre si, que fica difícil colocá-los juntos sob certo aspecto.

Há em certas situações posturas diferenciadas entre nós. Há uns que chegam a não reconhecer o outro nem mais como interlocutor, a ponto de escrever trabalhos em que os outros não são nem citados ou mesmo tratados como formuladores legítimos de idéias interessantes, que merecem diálogo. Há outros que não abandonam esse reconhecimento, indo na direção dessa noção de se alimentar na diferença, mesmo que sendo de modo crítico, sem deixar de olhar o outro em sua produção.

Aliás, diria o mesmo de qualquer apontamento de escola que o artigo posiciona, pois não vejo a ENSP como uma escola; vejo, sim, pensadores formulando, individual ou coletivamente, conceitos interessantes para certas situações da gestão e que merecem serem tratadas e incorporadas na “caixa de ferramentas” de qualquer gestor do SUS.

Em função disso, tenho um outro estranhamento no artigo que está aqui apresentado, que é a não atualização das produções ou mesmo equívocos na expressão do que são certas contribuições. Não me sinto contemplado, pela leitura que foi feita da minha produção. Não há em nenhum dos meus textos algo que possa sugerir

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro.
emerson.merhy@gmail.com

que pensei sobre tecnologias do trabalho médico e ponto.

Quem ler meus capítulos no livro “Agir em Saúde”, no livro “Saúde: a cartografia do trabalho vivo” e no próprio dicionário da Escola Politécnica Joaquim Venâncio, da Fiocruz, não terá essa sensação de que o artigo aponta sobre as ofertas conceituais que faço no campo da gestão e do planejamento. Tem sido, há muito tempo, fundamental compreender em minha produção o entendimento que tenho sobre esse campo como território da micropolítica do trabalho vivo em ato.

Vejo que, no esforço de síntese, válido, mas não suficiente, feito pelo artigo, de vários pensadores para propor um diálogo entre eles, há a falha de uma certa não atualização que deve ser realizada para se aprofundar e viabilizar a própria aposta, muito interessante, feita pelos autores.

Imagino que a única maneira de quebrarmos posturas de não reconhecimento das produções dos outros é sermos suficientemente escutados do que os outros, pensadores legítimos, estão produzindo e trazer para a cena um campo que todos partilham para podermos falar das diferenças, potencializando-as sem criar ranços de não compreensão do que se quis construir².

E tenho certeza que pertencemos a um campo muito comum³. Estamos todos apostando na construção de problemas nos mesmos campos: do governo da vida real, na construção de estratégias de consolidação do SUS, como uma aposta democrática e necessária para modificar substancialmente a realidade de saúde no Brasil.

Temos em comum, também, o fato de nos inspirarmos em autores muito fundamentais para todos nós, como o próprio artigo mostra em parte, na América Latina, mesmo que tenhamos críticas às suas contribuições e possamos, alguns de nós, não os tomar como verdades substantivas ou doutrinadores, incorporando-os de modos distintos. O que é bem saudável.

Apostamos todos que o campo da gestão é profundamente chave para a criação de novas modalidades de redes de cuidado no SUS e para a produção de novas práticas de governo mais permeáveis a grupos de coletivos, que estão implicados com o governo das ações de saúde em diferentes níveis de ordenamento governamental, apostando na construção solidária das várias esferas de governo.

Temos muitas boas repetições entre nós e isso pode nos permitir trocas mais produtivas do que temos feito. Temos nessas repetições, necessárias de serem pensadas e construídas entre nós mesmos como uma prática de produção coletiva, ali-

cerces para falarmos das diferenças que nos habitam, o que é muito bom. Pois temos que negar idéias de clonificação do outro para podermos nos encontrar em diálogos e nada como partir da boa repetição entre nós para iniciarmos isso.

Nesse movimento, vejo que o artigo poderia ir mais adiante e convido a todos, que estão nesse diálogo por ele convocado, a construir um processo de forjamento desse novo encontro que necessitamos realizar, ainda mais em um momento tão crítico e frágil pelo qual o SUS passa, considerando o enorme equívoco que tem sido a ação ministerial nesse campo da gestão e do planejamento, que vem facilitando a perda de competência no campo da gestão na esfera pública, construído a duras penas nessas dezenas de anos de produção do SUS, ali nas redes municipais.

Vejo, no poema de Manoel de Barros⁴ - repetir, repetir, repetir até ser diferente - uma dica para olharmos uma certa metodologia para isso, ao invertermos a direção das palavras do poeta: repetir, repetir, repetir para poder tratar das diferenças. Aceito, então, o convite dos autores.

Referências

1. Deleuze G. Abecedário. http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/
2. Pelbart PP. *Vida capital*. São Paulo: Iluminuras; 2009.
3. Negri A, Hardt M. *Multidão. Guerra e Democracia na era do império*. Rio de Janeiro: Record; 2005.
4. Barros M. *Poesia completa*. São Paulo: Leya; 2010.